
Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular¹: 4. A “síndrome das placas loucas”

VICTOR S. GONÇALVES*

Curvo-me para o Espelho
e a Imagem foge-me
As memórias secretas de Alice

R E S U M O

As placas de xisto gravadas do III milénio, no Centro e Sul de Portugal, são componentes votivos de deposições em antas, tholoi, grutas naturais e artificiais ou mesmo em deposições funerárias não estruturadas. Apresentam, por vezes, uma perturbação na composição, normalmente muito regular e normalizada, dos seus motivos principais. O autor designa essa particularidade, extremamente rara, por “síndrome das placas loucas” e procura explicar a razão desta ruptura do conceito de simetria.

Essa ruptura regista-se em duas categorias diversas, ainda que partilhando a mesma designação: a Variante 1 agrupa as placas em que apenas a Cabeça regista a assimetria de componentes específica de esta situação; a Variante 2 agrupa as placas cujo Corpo, resultante de segmentação da placa ou construído com um mesmo tratamento geral dado à superfície do suporte, é “decorado” assimetricamente.

Esta primeira aproximação parte do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, para um enquadramento mais geral da questão, alargada a outros grupos megalíticos e a outras manifestações simbólicas das antigas sociedades camponesas.

A B S T R A C T

The engraved slate plaques of the 3rd millennium, from the Centre and South of Portugal, are votive components of funerary depositions in passage graves, *tholoi*, natural and artificial caves or even in not structuralized burial sites. Sometimes, they present a disturbance in the composition, normally very regulated and normalized, of its main motifs. The author names this particularity, extremely rare, the “mad plaques syndrome” and looks for to explain the reason of this rupture of the symmetry concept.

The “mad plaques syndrome” is detected in two different categories: Variant 1 groups the plaques where only the Head presents the specific asymmetry; Variant 2 groups the plaques whose Body, resultant of segmentation of the plaque, is “decorated” asymmetrically. This first approach starts using the megalithic Group of Reguengos de Monsaraz like a case study and then a more general framing of the question is built, extended to other megalithic groups and, in next contributions, to other symbolic manifestations of the old peasant societies.

1. Limiar

Depois de, há já algumas décadas, ter iniciado o estudo de placas de xisto gravadas do Centro e Sul de Portugal, partindo de casos específicos ou de situações mais gerais (Gonçalves, 1970), recuperei, a partir de 1989 com alguma regularidade, esta problemática (Gonçalves 1978, 1989b, 1992, 1993, 1995, 1999, 2001, no prelo). E, ao analisar de forma sistemática as provenientes do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, particularmente as publicadas por Georg e Vera Leisner e as recolhidas por mim próprio, identifiquei algumas situações bizarras.

Uma delas derivava da detecção de estruturas aberrantes da simetria, o que se chama aqui a “síndrome das placas loucas”. Outra, a desenvolver mais tarde, residia na ausência, neste grupo específico, das placas com Cabeça tripartida, as “placas CTT”.

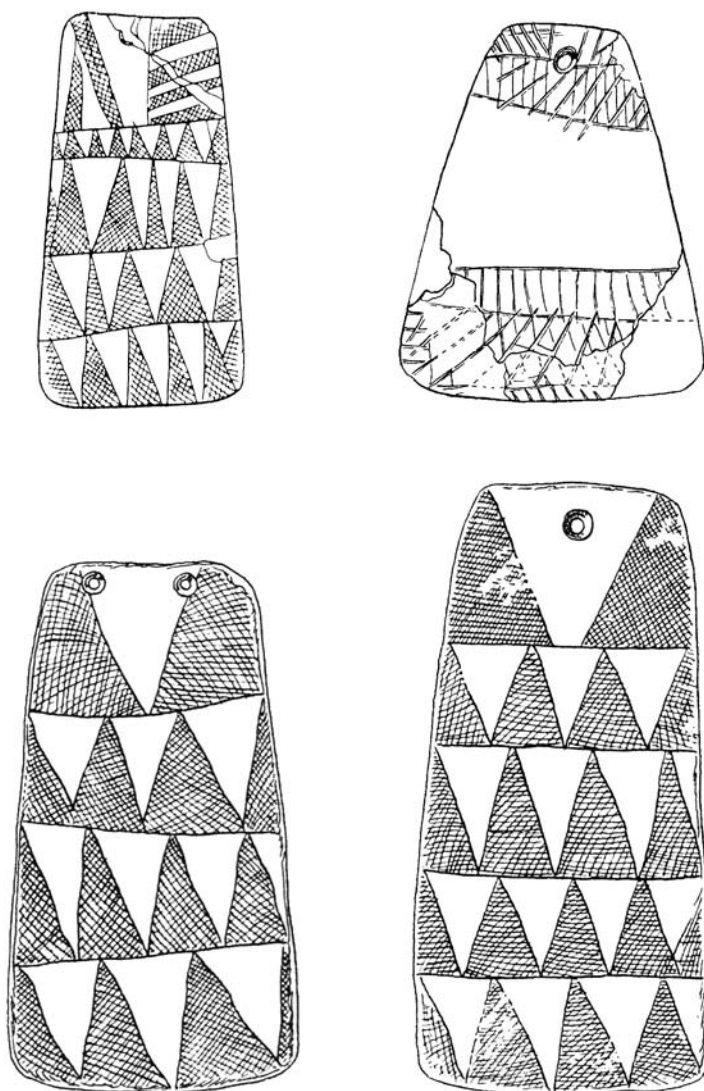


Fig. 1 Em cima, “Síndrome das placas loucas”. Variante 1 - Placa da Anta 1 do Olival da Pega; Variante 2: Tholos Farisoa 1b (Leisner e Leisner, 1951, XXVIII-19 e XVI-45). Altura das placas: 15,6 e 11,4 cm. Em baixo, Placas de Cabeça Tripartida, “placas CTT” de Monte Redondo e Casa Branca 3 (Leisner e Leisner, 1959, T6-8-2 e T20-2-28). Alturas das placas: 15,6 e 18 cm.

Na verdade, quando visionamos a bibliografia disponível e as muitas centenas de placas inéditas, a primeira imagem que se obtém de este impressionante conjunto de artefactos ideotécnicos é a da uniformização dos padrões decorativos e da simetria que os organiza no seu suporte específico. Quer na “Cabeça” quer no “Corpo” da placa, e sempre nos delimitadores Cabeça - Corpo ou de fim de placa, a simetria é, quando não extremamente rigorosa, a melhor possível. Mesmo em placas de pior execução, em que a simetria não é rigorosa ao milímetro, há a preocupação de organizar a Cabeça da placa com um Corpo central, triangular ou trapezoidal, reforçado ou não por faixas oblíquas que o delimitam, e duas áreas laterais, preenchidas com uma decoração relativamente simétrica e de componentes idênticos em número e forma.

Quanto ao Corpo da placa, quando não é preenchido por triângulos ou rectângulos, ambos motivos formando campos de organização simétrica fácil, é muitas vezes objecto de uma compartimentação explícita, com traços na vertical que permitem planificar ziguezagues simétricos e bem construídos. Em alguns casos, quando o ziguezague final (o inferior) deixa campo aberto, os vazios são preenchidos por um triângulo central ou por triângulos em todos eles, aumentando a sensação visual imediata de simetria.

Em composições mais complexas, como em algumas placas de OP1, em que por vezes nem tudo correu bem, a sensação de simetria não é prejudicada pelo erro ocasional.



Fig. 2 A paginação e o preenchimento de uma placa clássica. Anta 2 do Olival da Pega, Gonçalves, monografia em curso de preparação. Altura da placa: 14,2 cm.



Fig. 3 Placas da Anta Grande do Olival da Pega (OP1). Leisner e Leisner, 1951, XXVIII, 27 e 35. No primeiro caso, o erro de preenchimento da extremidade direita da primeira faixa ziguezagueante não altera de forma sensível a noção de simetria. É um erro de artesanato, de modo algum uma resultante da “síndrome das placas loucas”. No segundo caso, o preenchimento constringido pelas linhas verticais de paginação conduziu a que “sobrasse espaço”, pelo que se gravou uma faixa ziguezagueante complementar, limitada aos dois primeiros campos verticais, e se acrescentasse uma suposta continuação dessa faixa na extremidade direita de topo do terceiro campo. Altura das placas: 16,4 e 18,8 cm.

Esta situação poderia ser naturalmente menos nítida nas placas integralmente preenchidas com uma decoração única, mas normalmente nem sequer isso acontece e é uma decoração idêntica que se desenvolve na horizontal, ou na vertical, em todo o campo disponível no suporte.

Numa situação relativamente rara, a das placas com simetria radiante, a estrutura da paginação foi sempre organizada de forma a respeitar uma construção simétrica, certamente menos fácil nesta situação, que a Fig. 4 ilustra.

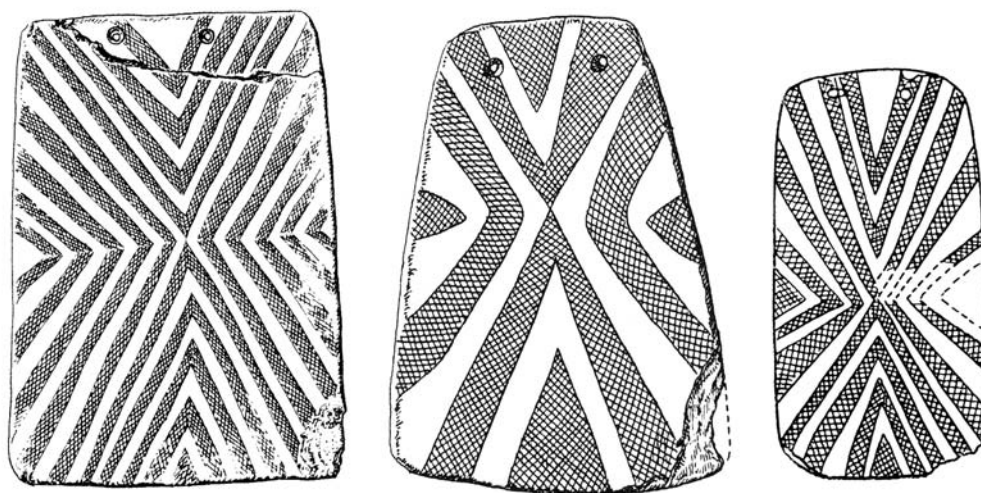


Fig. 4 Placas com simetria radiante da Anta Grande da Ordem, Avis, Esparragalejo, Badajoz, e Cebolinhos 1 (Leisner e Leisner, 1959, 14-1-56 e 52-12-6; Leisner e Leisner, 1951, XXXIV-13). Altura das placas: 16,2, 15,6 e 13,6 cm.

Contra as muitas centenas de placas em que esta realidade se repete, isolam-se alguns casos particulares. O primeiro que publiquei (Gonçalves, 1992, p. 79, fig. 17, 1999, p. 108, fig. 4.62) era uma pequena placa fragmentada na base, proveniente do Corredor de OP2, a Anta 2 do Olival da Pega. Interpretei a decoração desordenada como um sinal gráfico da "morte dos Deuses", o momento em que se abandonam os preceitos simbólicos normalizados e se inicia o processo de decomposição das normas representativas. Mas não é obrigatório que assim seja em todos os casos.

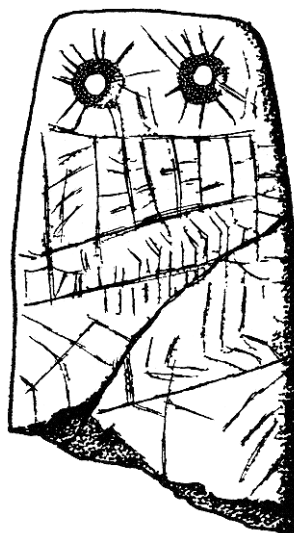


Fig. 5 Placa proveniente do Corredor da Anta 2 do Olival da Pega (seg. Gonçalves, 1992). Para além dos motivos solares radiantes, construídos a partir das perfurações, assim transformadas em olhos, o Corpo da placa desarticula-se em motivos "desconexos", longe do equilíbrio presente na esmagadora maioria das placas. 1:1.

Uma outra situação refere-se a alterações apenas no topo das placas, com a deliberada ruptura do conceito de simetria. A questão que acabou por provocar a pesquisa específica referente a este texto começou precisamente pela detecção de uma situação de este tipo, exhaustivamente descrita e discutida, a placa H.8-5, da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, STAM-3 (Gonçalves, no prelo).

O critério usado neste trabalho, que cristaliza uma primeira fase da pesquisa, foi o da análise da situação no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, tomado como um *case study*, nas ocorrências referenciadas por Georg e Vera Leisner (1959), Pina (1961, 1963), Gonçalves (1992, 1999, no prelo), e em algumas outras situações exemplares, ou porque foram objecto de publicações sistemáticas e minuciosas (caso dos *Megalithgräber* de 1959) ou de estudos monográficos de fiabilidade garantida, referenciados a monumentos com presenças significativas de placas de xisto gravadas, infelizmente muito raros. De qualquer forma, este é um estudo de algum modo preliminar, seguido em tempo útil, assim se espera, por uma leitura por um lado mais detalhada e, por outro, mais abrangente.

Também deverá ficar registado que, esperando outra oportunidade, não irei reatar aqui a estafada saga da interpretação das placas de xisto gravadas, no sentido primário da questão (para posições recentes, diferentes da minha, ver Bueno Ramírez, 1992, Lillios, 2002), não alterando uma linha ao que escrevi anteriormente. Continuo a não ver hoje qualquer razão válida, ou argumento convincente, para que deixe de as considerar como a representação de uma divindade feminina, cujo revestimento se altera, mas cuja essência significativa se não transforma. E, como já avancei (Gonçalves, 1993), não é necessário que todos os componentes de um único conjunto

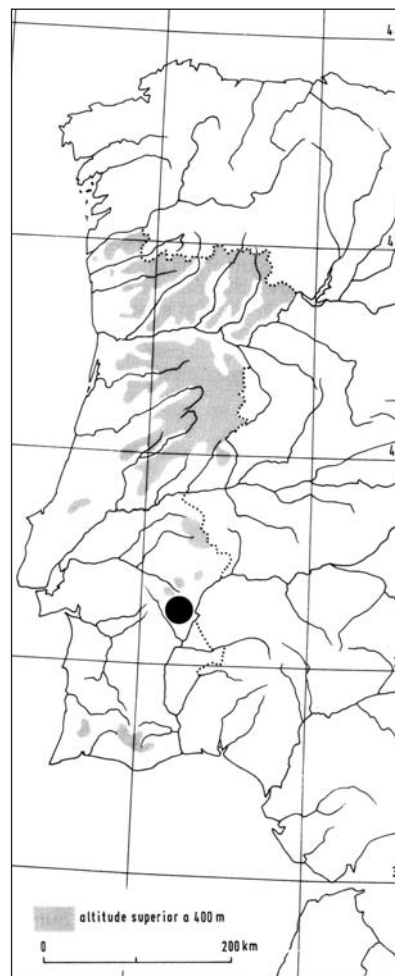
simbólico estejam presentes ou representados para que ele seja reconhecível. No caso concreto das placas, existem casos de antropomorfismo muito explícito: as placas recortadas (com Cabeça e, por vezes, ombros bem desenhados), os Olhos de Sol, as representações sexuais. Mas a simples presença dos símbolos básicos codificados sobre um suporte que raramente se afasta de uma forma única, os triângulos (as bandas com triângulos), as faixas ziguezagueantes, os campos em xadrez..., constituem-se em referências de uma mesma identidade simbólica. Aqui, a forma e a função (e, mesmo, a matéria prima) desempenham papéis significantes, que ultrapassam o carácter mais ou menos explícito dos componentes da gramática decorativa.

No Inverno de 2002, ao redigir a monografia sobre a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, um monumento com mais de 22 placas de xisto gravadas, duas delas notáveis exemplos de complexidade e sincretismo simbólicos, pude constatar, ao buscar paralelos, o deserto de ideias que tem rodeado a questão das placas de xisto gravadas e, sobretudo, a maneira rápida e desinteressada com que algumas têm sido publicadas.

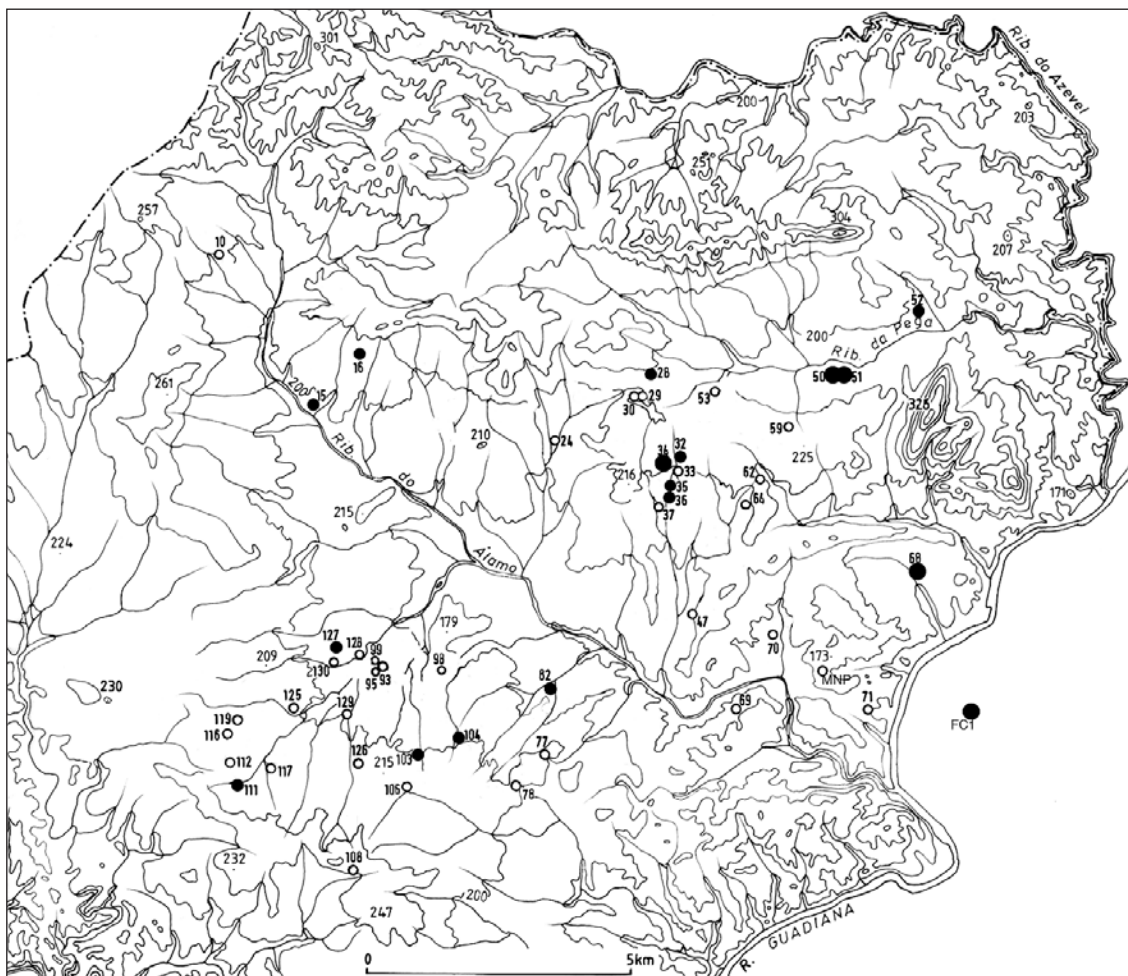
As placas de xisto gravadas são uma das mais impressionantes manifestações do sagrado da Pré-História do Ocidente peninsular. Poderia dizer-se que os artefactos votivos de calcário são seus competidores directos a nível de uma reconstrução do complexo mágico religioso a que ambos conjuntos pertencem, mas, por um lado, a sua distribuição em Portugal, é muito mais restrita, e, por outro, a sua integração faz-se num complexo mediterrâneo muito mais vasto, tornando estas figurações num caso muito diferente.

Há que pensar as placas de xisto gravadas num contexto interpretativo necessariamente muito amplo, mas, ao mesmo tempo, não perder a noção da importância de elas serem correctamente descritas e minuciosamente analisadas. Categorias como aquelas a que pertencem as placas recortadas ou as placas com Olhos de Sol, ou as que têm representações do Jovem Deus, são, apesar de raras, óbvias. Mesmo assim, continuam insuficientemente estudadas. Categorias como as derivadas da identificação da "síndrome das placas loucas" ou do significado das "placas CTT" são a tal ponto interessantes e significativas para o debate que não se compreende porque nunca foram estudadas antes.

Alguns agradecimentos são aqui indispensáveis. A Jorge de Oliveira, a cedência de imagens ainda inéditas de algumas placas apresentadas no 3º volume da sua tese de doutoramento (Oliveira, 1995) e de cópias de originais referentes aos seus trabalhos na Anta 1 da Fábrica da Celulose, imagens em que procedi a limpeza digital e que trabalhei no sentido de ilustrar as proposições do meu texto. A Luís Raposo e Ana Isabel Santos, por terem facilitado o acesso a exemplares do Museu Nacional de Arqueologia. Ao director do Museu de Évora, Joaquim Caetano, as facilidades concedidas no estudo das colecções dos materiais provenientes das antas 2 da Herdade da Mitra, de Cabacinheiros, da Loba e da Anta Grande do Zambujeiro, objecto de um outro pro-



Mapa 1 O Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz no território hoje português (base cartográfica, Gonçalves, 1989a).



Mapa 2 Distribuição dos monumentos com placas no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (pontos a negro), em contraposição aos monumentos comprovadamente sem placas. Os pontos maiores indicam os monumentos com "placas loucas". Suprimiram-se intencionalmente da cartografia os monumentos não escavados (base cartográfica, Gonçalves, 1992).

jecto em curso, mas cujos primeiros dados foram já aqui utilizados. A Joaquina Soares, por não ter demorado a ceder-me imagens do seu livro sobre as Grutas artificiais do Casal do Pardo, ainda em provas tipográficas. Os favores são caros, a amizade não tem preço.

2. As placas de xisto gravadas no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz

Começo por sublinhar o que hoje parece ser uma evidência: apesar de alguns autores associarem as placas de xisto gravadas ao megalitismo alentejano, referido como um bloco, a verdade é que em muitos dos monumentos conhecidos e escavados não existem quaisquer placas, admitindo-se assim, sem risco de erro, e para acautelar todas as possibilidades, três tipos de situação:

1. monumentos de construção e uso claramente anteriores à generalização do uso de placas de xisto gravadas nas deposições funerárias;

2. monumentos sem placas, mas provavelmente contemporâneos de outros onde a sua presença foi registada
3. monumentos com placas de xisto gravadas associadas às deposições funerárias.

Que significam estas possibilidades?

Bem, no caso do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, há claramente monumentos cuja utilização, de uma homogeneidade indiscutível, cultural e cronologicamente, é claramente anterior à generalização do uso das placas, tal é o caso de Poço da Gateira 1 (Leisner, 1951, Gonçalves, 1999) e da Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2002). Mesmo as antas da Herdade dos Gorginos, que têm diversas ocupações, foram construídas e usadas inicialmente num momento anterior às placas e usadas de novo, muito provavelmente, num momento em que a utilização das placas tinha já caído em desuso.

A segunda categoria é sem dúvida a mais difícil de definir, porque se baseia parcialmente em pressupostos extremamente subjectivos, sendo a arquitectura megalítica muito mais diversificada do que se tem vindo a referir e o polimorfismo síncrono uma realidade muito mal estudada. Digamos que existe uma possibilidade, derivada de indícios arquitectónicos (registados sob reserva para as antas, seguros para os *tholoi*) e artefactuais (esses de maior fiabilidade), que parece sugerir que monumentos como Areias 5, 6 e 11, Comenda 2b, Quinta 1 e Vale Carneiro 1 sejam contemporâneos dos monumentos onde se exumaram placas de xisto gravadas, ainda que as não tenham. Porém, na transição do IV para o III milénio, o devir torna-se indiscutivelmente mais rápido e é natural que ocorram artefactos tecnómicos específicos e, depois deles, mas sem que seja possível detectar *quanto tempo* depois, artefactos ideotécnicos como as placas de xisto gravadas.

De entre estas indicações, sobressaem efectivamente duas contagens:

1. se considerarmos apenas as relações presença – ausência, teremos, num total de 39 monumentos escavados em Reguengos de Monsaraz (individualizando na contagem os *tholoi* anexos às antas), 21 monumentos sem placas para 18 que as têm;
2. se, neste contexto, aceitássemos a distribuição do megalitismo de Reguengos de Monsaraz por, no mínimo, duas grandes fases distinguíveis artefactualmente (e o número de fases, ou de contextos sequenciais, é certamente bem maior...), teríamos uma primeira, representada por 15 monumentos sem placas, e uma segunda, onde seis não teriam placas (mas podendo teoricamente, pela análise dos contextos específicos, tê-las) e dezoito monumentos com placas. Estes últimos monumentos distribuem-se ainda por diferentes ordens de grandeza quanto ao número de placas, uma vez que o maior número ocorrido num monumento (Olival da Pega 1), 134, é seguido a considerável distância por Passo 1 e Cebolinhos 2, ambas com 31 placas e STAM-3, apenas com 22. As 42 placas, número mínimo, de Olival da Pega 2, não chegam a esta contagem, porque se distribuem por três monumentos individualizados (dois grandes *tholoi* com placas e um micro-*tholos* com apenas um fragmento – que aliás cola com outro de um dos *tholoi* maiores);
3. quanto às “placas loucas”, apenas em STAM-3, Farisoa 1b, OP1e OP2 e Xarez 1 se identificaram exemplares, isto é: em 18 monumentos com placas apenas 5 apresentam exemplares com a “síndrome das placas loucas”.

É indispensável que se fale aqui de um monumento mais que excêntrico (em todos os sentidos possíveis...), a Anta 1 da Fábrica da Celulose (Mourão). Escavada recentemente (Oliveira, 2000), esta pequena anta fica efectivamente na margem esquerda do Guadiana, mas tão cerca dela e com visibilidade directa para a Anta 3 do Piornal (na outra margem), que difícil será integrá-la num inexistente grupo megalítico de Mourão, uma área intensamente prospectada por Jorge de Oliveira e pelas diversas equipas que procederam a levantamentos na área a inundar pela albufeira do Alqueva, algumas delas de elevada qualidade e com excelentes conhecimentos de terreno (e cito, para além do próprio Jorge de Oliveira, Carlos Tavares da Silva, Joaquina e Antónia Soares).

São justamente provenientes da Anta 1 da Fábrica da Celulose (assim designada por se encontrar do outro lado da estrada da antiga fábrica da Portucel e não por qualquer especificidade não ortostática da sua construção...) dois fragmentos de "placas loucas". E, pelas suas particularidades (pertence cada um a seu tipo), estes fragmentos tornam esta anta um caso praticamente único no contexto específico que aqui se estuda.

Será errado considerar esta anta como um monumento ultraperiférico do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz?

Deveremos antes considerá-la como um caso isolado, nesta área da margem esquerda? Uma passagem enigmática do estudo monográfico que lhe foi dedicado dá a entender terem existido outros monumentos nesta área da margem esquerda do Guadiana, mas nenhuma referência específica parece fundamentar esta observação, talvez decorrente de alguma informação oral não confirmada posteriormente.

Assim, incluir-se-á esta anta no conjunto vizinho, com as compreensíveis reservas e sem qualquer outra consequência.

Quadro 1. Presença confirmada, presença admissível, mas não constatada, e ausência de placas de xisto gravadas em monumentos escavados do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

Monumento	Tipo	N.º	S/ placas	S/ placas, mas...	Com placas	Referência
Areias 11	Anta	99	–	●	–	Leisner, 1951
Areias 5	Anta	93	–	●	–	Leisner, 1951
Areias 6	Anta	94	–	●	–	Leisner, 1951
Areias 7	Anta	95	●	–	–	Leisner, 1951
Azinheira 1	Anta	15	–	–	8	Pina, 1963
Belhoa 1	Anta	52	–	–	13	Gomes, 1997
Cebolinhos 1	Anta	103	–	–	31	Leisner, 1951
Cebolinhos 2	Anta	104	●	–	>1*	Gonçalves, em escavação
Comenda 1	Anta	35	–	–	4	Leisner, 1951
Comenda 2	Anta	36	–	–	5	Leisner, 1951
Comenda 2b	<i>Tholos</i>	36b	–	●	3	Leisner, 1951
Duque 1	Anta	28	–	–	2	Pina, 1961
Fábrica da Celulose 1	Anta	S/n	–	–	4+35 (15?)*	Oliveira, 2000, p. 216-218
Farizoa 1	Anta	111	–	–	5	Leisner, 1951
Farizoa 1b	<i>Tholos</i>	111b	–	–	–	–
Farizoa 6	Anta	116	●	–	–	Leisner, 1951
Farizoa 7	Anta	117	●	–	–	Leisner, 1951
Gorginos 1	Anta	127	–	–	1	Leisner, 1951
Gorginos 3	Anta	129	●	–	–	Leisner, 1951, Gonçalves, 1999
Gorginos 4	Anta	130	●	–	–	Leisner, 1951

Quadro 1. Presença confirmada, presença admissível, mas não constatada, e ausência de placas de xisto gravadas em monumentos escavados do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. [cont.]						
Monumento	Tipo	N.º	S/ placas	S/ placas, mas...	Com placas	Referência
Monte Novo do Piornal	Anta	135	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Olival da Pega 1	Anta	50	–	–	134	Leisner, 1951, Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2a	Anta	51	–	–	9	Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2b	<i>Tholos</i>	51b	–	–	22	Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2d	<i>Tholos</i>	51d	–	–	11	Gonçalves, 1999
Olival da Pega 2e	<i>Tholos</i>	51e	–	–	1?	Gonçalves, 1999
Passo 1	Anta	82	–	–	31	Leisner, 1951
Piornal 1	Anta	69	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Piornal 2	Anta	70	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Piornal 3	Anta	71	●	–	–	Gonçalves, em estudo
Poço da Gateira 1	Anta	29	●	–	–	Leisner, 1951, Gonçalves, 1999
Poço da Gateira 2	Anta	30	●	–	–	Leisner, 1951
Quinta 1	Anta	24	–	●	–	Leisner, 1951
Santa Margarida 1	Anta	32	–	–	9	Leisner, 1951, Gonçalves, 1992
Santa Margarida 2	Anta	33	●	–	–	Gonçalves, 1992
Santa Margarida 3	Anta	34	–	–	22*	Gonçalves, 1993
Vale Carneiro 1	Anta	77	–	●	–	Leisner, 1951
Vidigueiras 1	Anta	125	●	–	–	Leisner, 1951
Vidigueiras 2	Anta	126	●	–	–	Leisner, 1951
Xarez 1	Anta	68	–	–	31*	Gonçalves, em estudo
TOTAIS	39		15	6	18+1 monumentos, >334+15 placas	

18 monumentos (+ 1, se contarmos com a Anta Celulose 1), com um total de 334 placas (349, se contarmos com as 15 da Anta da Fábrica da Celulose 1). Todos os números devem ser considerados como números mínimos. Em casos particularmente óbvios, acrescentou-se um asterisco à contagem final. No caso da Anta da Fábrica da Celulose, o autor separou as placas inteiras dos fragmentos, mas não contabilizou quantas possíveis placas estes representariam. Por isso, o número das placas entra claramente na categoria de “superior a” e foi calculado a partir dos exemplares desenhados e constantes das cópias das Estampas originais amavelmente cedidas pelo Autor. Os números de inventário referem-se ao inventário dos Leisner, prosseguido com a recentemente identificada Anta do Monte Novo do Piornal (a que foi, logicamente atribuído o n.º 135).

4. O conceito operativo de “paginação”

Avançado na monografia sobre a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, no prelo), este conceito parte de um pressuposto verificado na esmagadora maioria das placas de xisto gravadas: o suporte, a placa de xisto aparada e polida, foi previamente dividido em duas categorias de áreas específicas:

1. áreas funcionais activas, a nível da simbólica, verdadeiras organizadoras do espaço significativo;
2. áreas concebidas como campos auxiliares de gravação, formas práticas de enquadrar ou construir os motivos decorativos.

Por áreas funcionais activas entendem-se as correspondentes

1. à Cabeça;
2. ao Corpo;
3. ao separador Cabeça – Corpo;
4. ao separador “de fim de placa”.

Por campos auxiliares de gravação entendem-se:

1. os traços horizontais para enquadramento dos triângulos, formando bandas;
2. os traços verticais para organização das faixas ou linhas ziguezagueantes do Corpo das placas.

Estas categorias correspondiam quer a uma imagem preexistente no artesão sobre o que queria representar quer à melhor maneira de programar o aspecto final da placa. No entanto, algumas advertências devem ser feitas.

Em primeiro lugar, existem algumas poucas placas de xisto gravadas em que foram usados outros procedimentos. Tal é o caso, por exemplo,

1. das placas com simetria radiante, onde a superfície do suporte é tratada como um todo, sem diferenciações funcionais (Fig. 4);
2. das placas com campos diversificados, horizontais, intercalados entre as bandas que compõem o Corpo. Parecidos com os delimitadores Cabeça – Corpo, ou de fim de placa, são na realidade, campos alternativos aos principais, distribuídos por entre eles. Existem alguns excelentes exemplos nos conjuntos inéditos provenientes dos arredores de Évora;
3. das placas totalmente (ou quase) cobertas por uma simbólica antropomórfica. É a situação da placa das Grutas de Alcobaça, onde alguns triângulos simbólicos se referem à sua filiação, mas o motivo quase total é a figuração antropomórfica com colar (Gonçalves, 1978);
4. das placas cuja superfície foi inteiramente coberta por motivos desordenados, ainda que dispostos de forma vagamente simétrica e, por vezes, mesmo compartimentados por traços de apoio horizontais (Figs. 12 e 13).

A diversidade das possibilidades não exclui, porém, a unidade dos conjuntos.

Estes elementos, que listei acima, são componentes de uma situação muito concreta e, em grande parte, pragmática: é muito mais fácil organizar um campo de ziguezagues ou de faixas ziguezagueantes se ele se articular, nos pontos de ruptura, com traços verticais, verdadeiras *guide lines*, do que usar apenas um campo único aberto. Neste caso específico, a paginação da placa de OP2 é exemplar (Fig. 2).

A paginação de uma placa de xisto gravada é assim um acto prévio e a sua recuperação deve ser entendida como uma pista excepcional para uma aproximação à sequência operativa usada pelo gravador. A “síndrome das placas loucas” isola-se exactamente como resultando de uma acção integrada num plano geral. No caso da placa H.8-5 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, a decomposição do processo de gravação é indispensável para se entender a “síndrome”

como resultando de um acto intencional e não de um erro de artesanão (Fig. 7). No caso da placa proveniente de Casal do Pardo 3, a paginação possibilitava a simetria, mas sendo naturalmente difícil saber-se hoje se foi um erro de preenchimento ou uma acção intencional, escolhi a segunda hipótese (Fig. 8). O que é também válido para uma das placas da Anta 1 da Fábrica da Celulose, onde a delimitação de campos verticais (possibilitando faixas ziguezagueantes correctamente desenhadas) não se seguiu o procedimento regular que eles possibilitavam (Fig. 6, d-e-f).

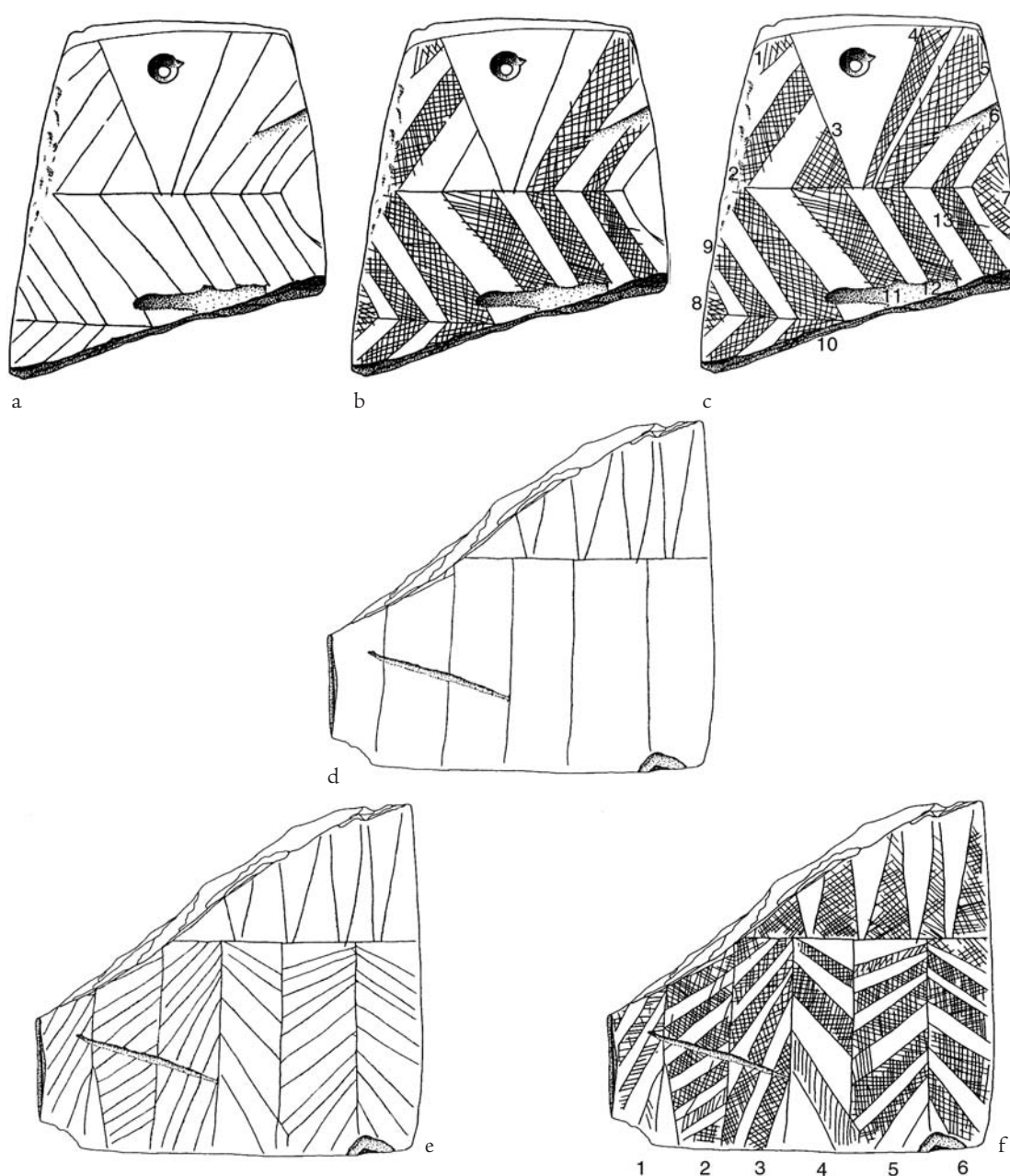


Fig. 6 Placas loucas de tipo 1 e 2 da Anta da Fábrica da Celulose (Mourão), segundo Oliveira, 2000, 208. as primeiras três imagens de cada placa ilustram a sequência possível desde a paginação inicial até à fase final de execução. Altura máxima dos fragmentos: 9 cm em ambos casos. Ver p. 144 e 145.

5. A “síndrome das placas loucas”

A “síndrome das placas loucas” pode ser definida como uma ruptura intencional do conceito estruturante de simetria comum à enorme maioria das placas de xisto gravadas. Essa ruptura regista-se em duas tipologias diversas, ainda que partilhando a mesma designação.

A Variante 1 agrupa as placas em que apenas a Cabeça regista a assimetria de componentes específica de esta situação.

A Variante 2 agrupa as placas cujo Corpo, resultante de segmentação da placa ou construído com um mesmo tratamento geral dado à superfície do suporte, é “decorado” assimetricamente.

Em ambas situações, a ruptura da simetria pode ser conseguida através da introdução de um componente dissonante (caso da placa H.8-5 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida) ou pelo desacerto no preenchimento dos campos estruturantes (caso da placa de Casal do Pardo 3).

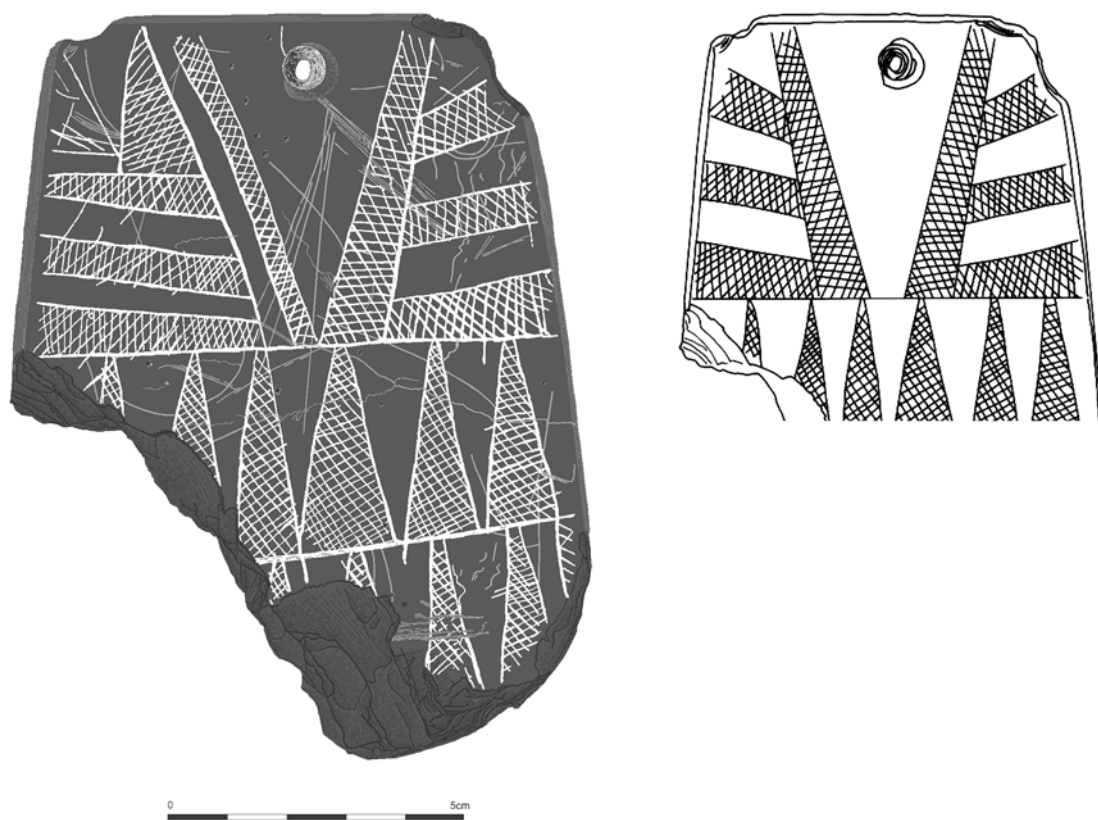


Fig. 7 A placa H.8-5, da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz, com a “síndrome das placas loucas” e uma das versões de como ela “poderia” ter sido, se a regra da simetria de topo tivesse sido rigorosamente seguida (segundo Gonçalves, no prelo, desenhos de Fernando Barbosa e Ana Isabel Neves).

4.1. A “síndrome das placas loucas”, a Variante 1: três casos exemplares

Anta 3 da Herdade de Santa Margarida: a placa H.8-3 (Gonçalves, no prelo) – Fig. 7

A placa H.8-5 foi recolhida no Corredor da anta. Da descrição exaustiva, recupero o que é, neste contexto específico, essencial: gravada em ambas faces, com uma única perfuração bitron-

cocónica. A base foi recortada, apresentando uma fractura irregular convexa, sendo portanto também exemplo de um reaproveitamento de placa preexistente. Altura máxima actual (ao centro): 12,4 cm. Altura máxima reconstituída: cerca de 16,5, mais provavelmente entre 15 e 16,5 cm. Espessura na área mesial: 8,89 mm. Ø da perfuração na face: 6,42 mm. Ø da perfuração no verso: 5,46 mm.

Sobre a Cabeça, lida na face principal, observou-se que:

1. a Cabeça está organizada assimetricamente, desenvolvendo-se nela motivos estruturados em função de uma área triangulóide central, provida no topo de uma perfuração bitroncocónica. Esta área não está vazia, sendo definida, à esquerda, por um traço espesso, simétrico ao que define o espaço à direita. No campo aberto central, e paralelo ao lado esquerdo, desce uma banda paralela, mas irregular, preenchida com oblíquas intersecantes. Ao traço indicador de limite de espaço da direita adossa-se directamente uma outra banda, mais irregular que a primeira e alargando do sentido cima – baixo;
2. o lado exterior esquerdo possui também três bandas, mas o espaço entre a de cima e o limite superior da placa é marcado por um triângulo de vértice para cima, preenchido por oblíquas intersecantes, que se adossa ao traço esquerdo delimitador da Cabeça. Ao lado de este, o espaço rectangular é subdividido por um traço oblíquo entre dois triângulos vazios. No da esquerda, foi esboçado um pequeno triângulo de vértice para cima, com preenchimento de oblíquas descendo da esquerda para a direita. A definição de este pequeno triângulo não está completa, sendo que o sulco que o delimita na base, e à direita, é forte e nítido, enquanto o da esquerda é um traço consideravelmente mais superficial e que se interrompe antes do vértice, sendo, no entanto, ainda visíveis alguns segmentos do traçado original;
3. o lado exterior direito da Cabeça está decorado com três bandas irregulares, também preenchidas, adossando-se a inferior ao traço delimitador Cabeça – Corpo da placa.

Anta Grande do Olival da Pega (OP1): Leisner e Leisner, 1951, XXVIII, 18 – Fig. 1-a

É uma placa de dimensões médias-grandes (uma altura de cerca de 16 cm), tendo triângulos com o vértice para cima como motivo principal de decoração no Corpo. Os triângulos distribuem-se por quatro bandas de traçado irregular, mas a primeira delas é quase seguramente uma faixa divisória Cabeça – Corpo, leitura reforçada pelo facto de a sua altura ser menos de metade das outras três.

A Cabeça da placa apresenta duas faixas preenchidas, oblíquas-longitudinais irregulares, de orientação diversa, no lado esquerdo. No lado direito foram gravadas quatro faixas preenchidas oblíquas-transversais.

Anta 1 da Fábrica de Celulose, Mourão: Oliveira, 2000, 208, 14 – Fig. 6, a-b-c

Pessimamente reproduzida num volume que é (pela negativa) um excelente exemplo de como o *design* deve ser posto ao serviço da Arqueologia (e não o contrário, como aí acontece), integrada num artigo de que foi omitida (!!) uma estampa fundamental, que incluiria a mais

importante placa recolhida na anta, uma placa com Olhos de Sol (perfeito exemplo de descoordenação editorial), este artefacto ideotécnico é particularmente interessante.

A placa está fragmentada (falta-lhe a base), mas o topo está intacto. Nele, procedeu-se à paginação básica com o desenho do clássico triângulo de vértice para baixo, mas as áreas anexas foram objecto de origem de um tratamento absolutamente assimétrico, abrindo caminho para o aspecto final. Ambas foram preparadas com traços de enquadramento oblíquos orientados de cima para baixo, da esquerda para a direita, o que, naturalmente impossibilita qualquer simetria futura. Uma análise mais detalhada evidencia que algumas de essas linhas de enquadramento são, afinal, prolongadas para baixo, definindo as faixas ziguezagueantes verticais do Corpo da placa. Assim, as faixas ziguezagueantes 10, 12 e 13 do Corpo da placa são prolongamentos das faixas oblíquas 2, 5 e 6 da Cabeça (ou o inverso, se a gravação começou de baixo para cima, neste caso tanto faz). 1, 7 e 8 são remates de fim de gravação, de início e fim de áreas, por isso os dois últimos abrangem dois campos. 3 tem a linha da esquerda prolongando o traçado esquerdo de 11, mas é, na realidade, um verdadeiro triângulo preenchido com o vértice para cima, introduzindo assim um componente da simbólica que estaria ausente do Corpo da placa.

4.2. A “síndrome das placas loucas”, a Variante 2: três casos exemplares

Anta 1 da Fábrica de Celulose, Mourão: Oliveira, 2000, 208, 15 – Fig. 6 d-e-f.

Esta placa, infelizmente fragmentada, apresenta uma área superior correspondente ao Corpo e uma outra demasiado alta para ser uma delimitação de fim de placa. Considerarei-a assim como integrando um pequeno grupo de placas que apresenta Corpos com mais de um motivo.

A parte inferior do Corpo foi paginada com cinco riscos verticais, que produziram 6 campos, como assinalado na Fig. 6-f. Teoricamente, uma paginação assim produziria, sem qualquer dificuldade, um campo regular de faixas ziguezagueantes. Mas assim não foi. E apenas nos campos 3-4 e 5-6 existe uma faixa ziguezagueante que ocupa os dois campos. As restantes são faixas preenchidas com quadrícula ou com traços paralelos entre si, mas que não se prolongam de campo para campo. No campo 5, quatro traços de preenchimento de uma faixa prolongam-se mesmo para o campo vazio inferior, no qual se acrescentaram dois outros. Teria sido muito interessante se esta placa tivesse chegado até nós inteira, o que infelizmente não aconteceu e nos impede de ter uma visão global do conjunto.

Anta da Ribeira de Odivelas (Leisner e Leisner, 1959, T34, 9.2.) – Fig. 8-d

Esta placa reúne num espaço único, habitualmente preenchido de uma forma coerente, dois componentes da simbólica, dispostos sequencialmente na ocupação do suporte. Como são ambos distintos, o resultado evidente é o da assimetria.

Com uma altura de cerca de 16 cm, e uma morfologia trapezoidal alongada, mas com os quatro cantos reduzidos por encurvamento dos ângulos, tem apenas uma perfuração de topo, descentrada. Dois terços da superfície, à esquerda, são preenchidos por seis bandas ziguezagueantes preenchidas, sem qualquer compartimentação vertical. A sexta faixa é completada por dois triângulos de vértice para cima, uma forma “clássica” de rematar os ziguezagues enquanto motivo principal.

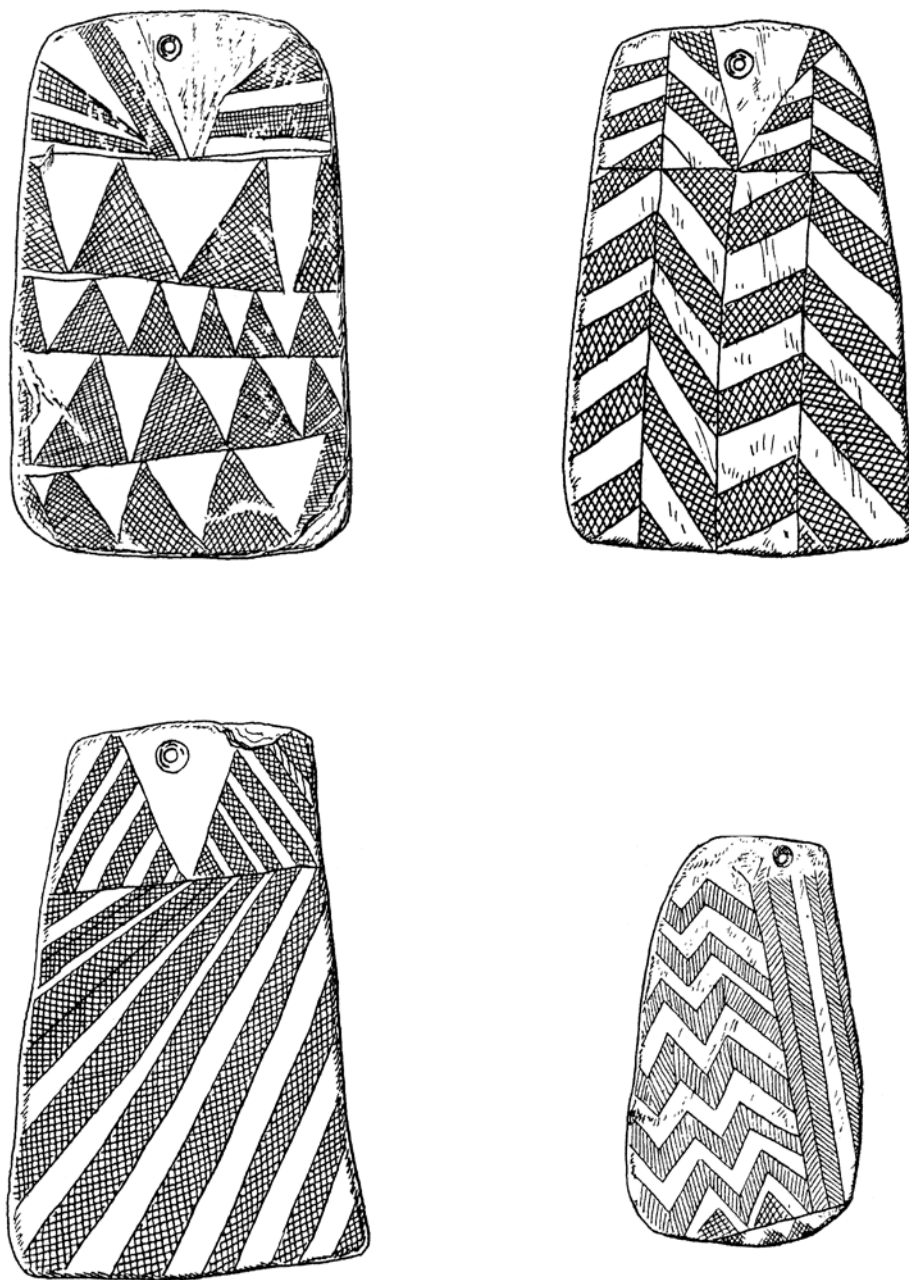


Fig. 8 Exemplos da "síndrome das placas loucas". Em cima, da Variante 1, Placas da Anta da Velada, Montemor-o-Novo, e de Caeira 7, Arraiolos. Em baixo, da Variante 2, Folha da Amendoeira, Odivelas do Alentejo, e Ribeira de Odivelas. (Leisner e Leisner, 1959, T28-1-55, T30-8-18, T42-2-23 e T34-9-2). Altura das placas: 16,2, 15,9, 16,2 e 12,3 cm.

O terço da direita é preenchido por dois pares de faixas verticais preenchidas, separadas por uma outra, vazia. A área para delimitação terminal da placa foi obtida com um traço oblíquo, que ocupa um pouco mais que metade da base. A área disponível foi preenchida com pequenos triângulos preenchidos.

Não é impossível que esta placa tenha sido o resultado do recorte de uma placa anterior, mas, de qualquer forma, os motivos seriam muito provavelmente os mesmos.

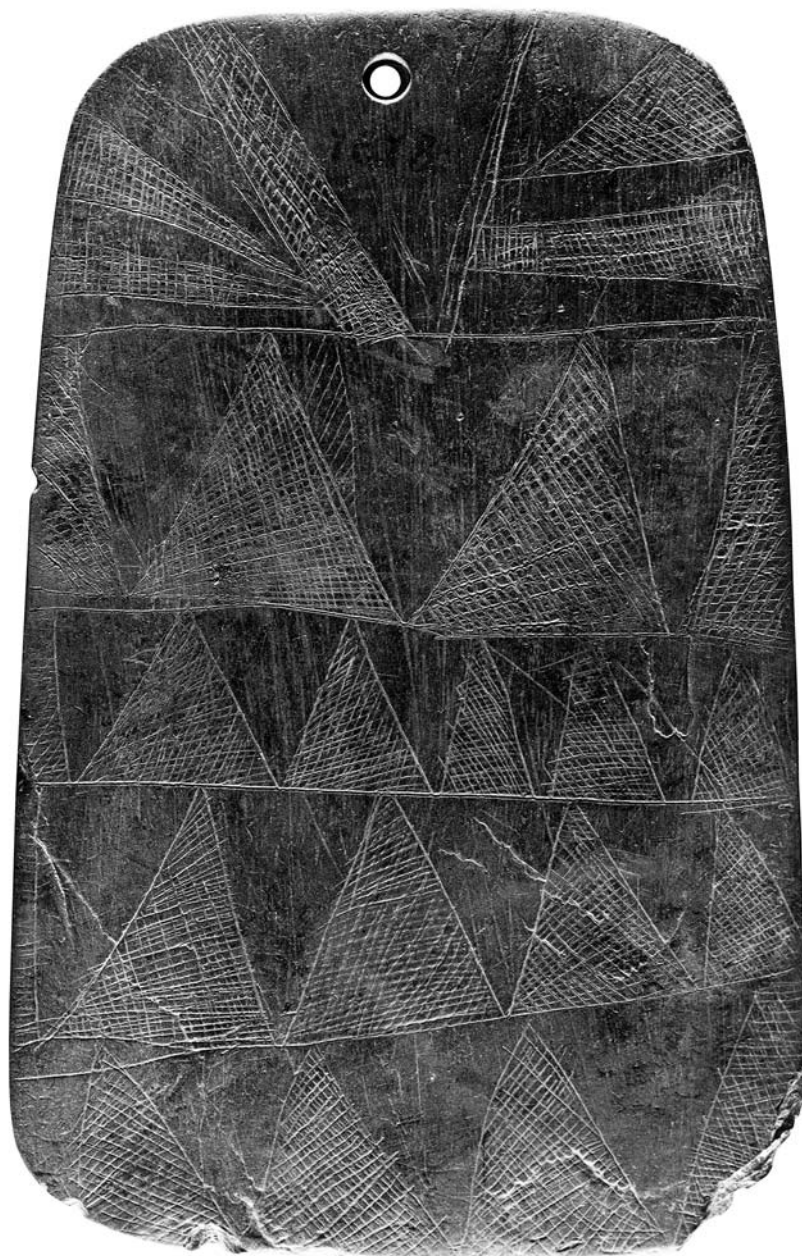


Fig. 9 "Síndrome das placas loucas", variante 1, placa proveniente da Anta da Velada, Montemor-o-Novo (foto VSG). 1:1.

Anta 2 do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992, 79 – Fig. 17 – e monografia em preparação) – Fig. 5

É uma pequena placa rectangulóide, na longitudinal, com duas perfurações a partir das quais se desenharam dois Olhos de Sol. O Corpo está separado da Cabeça por um simples traço horizontal, que serve também de delimitador de topo à primeira das bandas (reconhecem-se quatro), todas elas irregulares, de traçado oblíquo, preenchidas por traços direitos ou quebrados, por vezes o espaço por eles próprios definido completado por outros traços.

Alinhada, pelas perfurações radiantes, no grupo das placas com Olhos de Sol, este exemplar não compartilha porém a regularidade dos motivos gravados nas outras placas de esse tipo, normalmente bastante bem paginadas. O Corpo é considerado assim um exemplo da decomposição da temática ortodoxa das placas de xisto gravadas.

4.3 Uma situação peculiar...

Seja qual for a origem de esta peculiar situação de ruptura de simetria, duvidosamente a poderíamos atribuir exclusivamente a imperícia ou a isolamento do artesão, que teria assim perdido contacto com as normas de decoração normalizada para as placas de xisto gravadas. Os artefactos ideotécnicos que apresentam a “síndrome das placas loucas” estão, por vezes, bem gravados e a paginação geral não origina nenhum efeito de rejeição ao observador actual. E estando o pré-histórico morto, é difícil saber da sua reacção, no caso de ter tido alguma.

Quanto à localização dos monumentos, poderia dizer-se que Celulose 1 é ultraperiférico (mais propriamente transperiférico...), Olival da Pega 1 quase no limite, mas a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida fica praticamente no centro do subgrupo norte do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992) e dificilmente se pode invocar uma situação de isolamento do contexto para quem gravou a placa H.8-5.

O certo é que a arte pré-histórica, como todas as artes de todos os períodos, tem um significado social e ideológico específico e traduz, nos próprios componentes que mobiliza, factores de estabilidade, de transformação e de mudança. Como tal, nenhuma das suas manifestações é inocente e como tal não deve ser encarada.

E deverá ainda ser dito que a normalização da temática não implica execuções totalmente normalizadas.

5. Algumas outras ocorrências

Numa situação absolutamente minoritária, há que ver se ela é apenas regional ou se é possível de detectar em outros contextos geográficos.

No Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, encontramos situações atribuíveis à “síndrome das placas loucas” nas antas Olival da Pega 1 e 2, Santa Margarida 3 e Xarez 1, e com as reservas já explicitadas, uma vez o Guadiana no meio, Fábrica de Celulose 1. E no *tholos* Fari-soa 1b.

Fora de Reguengos, numa primeira ronda, temos casos específicos em Montemor (Anta Grande da Ordem, Anta da Velada, *tholos* do Escoural), Arraiolos (Caeira 7), Ferreira do Alentejo (Ribeira de Odivelas), e ainda na Câmara Ocidental da Praia das Maças e Casal do Pardo 3.

São sempre situações minoritárias, em conjuntos por vezes numericamente muito significativos, e as variantes que propus para esta peculiar “virose” estão presentes raramente no mesmo monumento, o que é particularmente impressionante em OP1, onde aliás o número de placas deve ter ultrapassado as 134 registadas pelos Leisner e a amostra é portanto muito mais elevada que em qualquer outro monumento de Reguengos de Monsaraz.

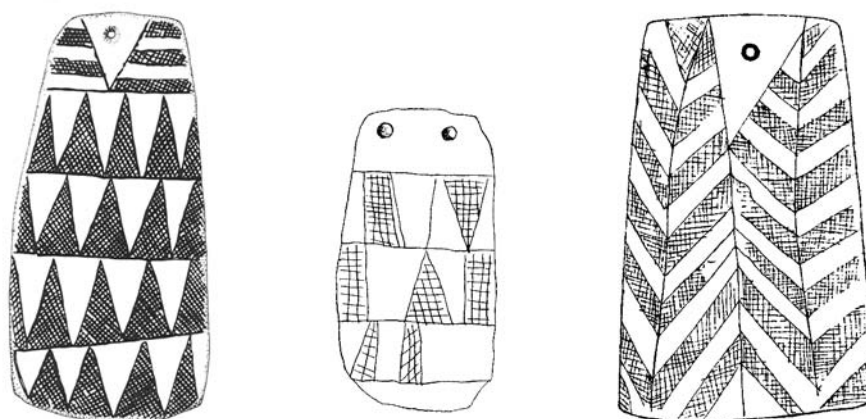


Fig. 10 Placas loucas provenientes das Grutas artificiais do Casal do Pardo, Palmela, Gruta 3, desenho de Jorge Costa, segundo Soares, 2002, e do *Tholos* do Escoural, Santos e Ferreira, 1969, Fig. 8, 80. Altura das placas: 13.2 e 8 cm. No que se refere à última placa, que não pude confrontar com o original, existem dúvidas sobre a escala da imagem, não sendo impossível tratar-se de um erro tipográfico.



Fig. 11 "Síndrome das placas loucas", Variante 2 *Tholos* Farisoa 1 (foto VSG). 1:1.



Fig. 12 “Síndrome das placas loucas”, Variante 2, Ribeira de Odivelas (foto VSG). 1:1.

6. Cronologias

Nenhuma cronologia absoluta directa está disponível para a “síndrome das placas loucas”. Porém, se usarmos a datação correspondendo à grande placa recortada J.8-667, da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Beta-166422: 2920-2870 Cal BC a 2 sigmas (Gonçalves, no prelo), como terminus *post quem*, a “placa louca” STAM-3 H.8-5 é nitidamente posterior, correspondendo talvez a um espaço de tempo compatível com o da datação da deposição funerária Cm-6, o que nos remete para um período entre 2870-2500, portanto no segundo quartel do III milénio.

Em termos gerais, tudo parece indicar tratar-se de um fenómeno evoluído (ou mesmo terminal?) na específica história destes fascinantes artefactos ideotécnicos. O que, como quase tudo neste campo, não é certo.

7. Discussão

Poderíamos começar por um aspecto significativo: a distribuição geográfica da “síndrome das placas loucas”: Reguengos de Monsaraz, Montemor, Ferreira do Alentejo, o Alentejo médio e o Baixo Alentejo. Mas também as penínsulas de Setúbal e Lisboa.

Assim, a extensão da área onde se verificam ocorrências da “síndrome das placas loucas” contribui para compensar a extrema raridade dos exemplares conhecidos.

Quadro 2. Lista de monumentos com “placas loucas” em Reguengos de Monsaraz e em alguns outros grupos megalíticos					
Monumento	Tipo	V1	V2	TPM	Bibliografia
Anta Grande do Zambujeiro	Anta	+	+	>150?	Conjunto em estudo.
Mitra 2	Anta	+	+	>100?	Conjunto das placas de recolha antiga em estudo por VSG. Novas escavações no monumento em curso por Jorge de Oliveira.
Caeira 7 (Pavia)	Anta	1	0		Correia, 1921, p. 49, Fig. 34; G. Leisner e Leisner, 1959, T30, 8.18.
Casal do Pardo 3	Gruta artificial	1	0	?	Soares, 2002, p. 86, Fig. 56.4.
Escoural	<i>Tholos</i>	1	1	167	Santos e Ferreira, 1969, Fig. 4-54; Est. XII, 88 e Fig. 8-80.
Fábrica da Celulose 1 (Mourão)	Anta	1	1	4+35 (15?)*	Oliveira, 2000, p. 208, 14, 15
Olival da Pega 1 (Reguengos de Monsaraz)	Anta	1	0	134	Leisner e Leisner, 1951, XXVIII, 18
Ribeira de Odivelas (Ferreira do Alentejo)	Anta	0	1		Leisner e Leisner, 1959, T34: 9.2
Praia das Maças (Câmara Ocidental)	Gruta artificial?	1	0	12	Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1969, fig. D-115
Santa Margarida 3 (Reguengos de Monsaraz)	Anta	1	0	19	Gonçalves, no prelo
Velada (Montemor)	Anta	1	0		Leisner e Leisner, 1959, T28, 55
Xarez 1 (Reguengos de Monsaraz), H.6-26	Anta	0	1	>30	Gonçalves, em estudo
TOTAIS		>8	>3		

> = número garantidamente superior a; +* presença ainda não completamente quantificada (coleções em estudo).

TPM: total de placas do monumento.

Se é fácil criar ideias pretensamente novas, sobretudo quando elas não correspondem a coisa alguma e se autojustificam através do universo dos espelhos deformantes tão caro aos adoradores de símbolos, outras perspectivas são, felizmente, possíveis.

O conceito avançado neste trabalho (e em Gonçalves, no prelo), tem que ver com várias situações muito concretas.

Sendo o pensamento mágico-religioso, de início, tão essencialmente prático como o pensamento técnico, a tradução do símbolo em um determinado suporte corresponde a representações formalmente multímodas de uma mesma “realidade”. E em cada representação se reflecte essencialmente o símbolo, mas também o executante da transposição de uma imagem informada para uma imagem concreta.

Assim sendo, temos componentes diversos de uma só situação:

1. a *figura, imagem* ou *conceito* activos na formação económico-social que os originou ou adoptou;
2. o conjunto de códigos de representação que evocam e determinam a reconhecibilidade do que se representa, permitindo a sua identificação imediata;
3. a selecção pessoal do gravador de um símbolo ou conjunto de símbolos que garantem, por si sós ou em associação, a inteligibilidade da figuração;
4. o tratamento não normalizado do conjunto, através de melhorias no suporte (pelo melhor polimento das superfícies), de formas de contorno específicas (as placas recor-tadas, as placas fenestradas) ou por diferentes combinatórias de símbolos do mesmo grupo;



Fig. 13 Placa da Anta 1 do Olival da Pega, "Síndrome das placas loucas", Variante 1. 1:1. Foto VSG.

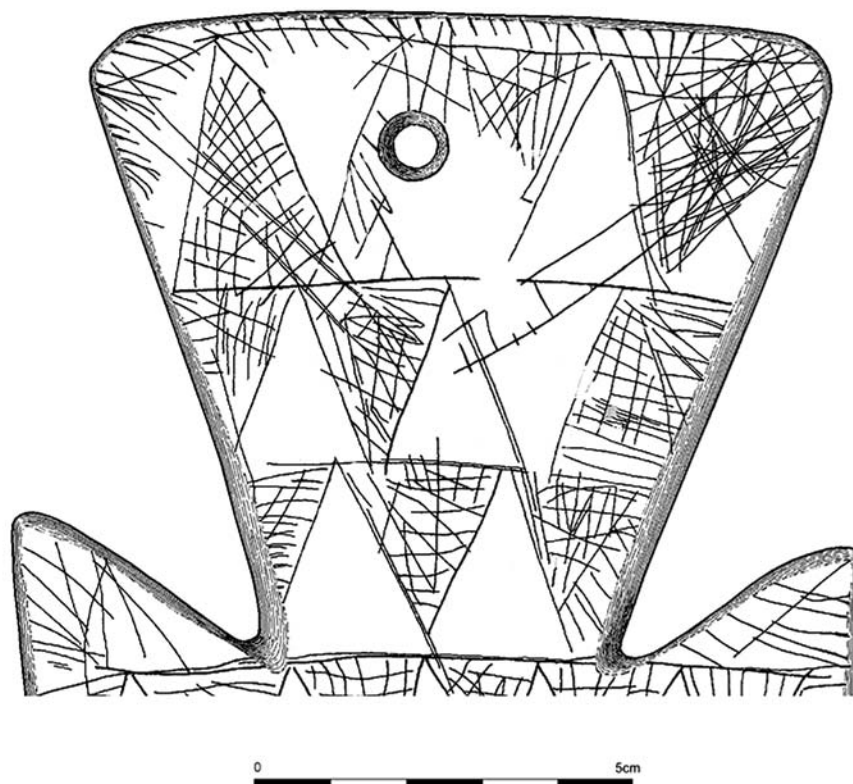


Fig. 13 Sobreposições de conjuntos significantes: a Cabeça de J.8-667 (STAM-3), segundo Gonçalves, no prelo. Apesar das diferenças formais dos dois conjuntos, um representado por duas representações escalariformes e uma linha de sobrancelhas fundidas e outra por triângulos mais ou menos “clássicos”, a simetria estruturante não foi quebrada.

5. a inserção de componentes “sincréticos”, somando a um anterior conjunto figurações novas, mas associáveis (os Olhos de Sol, um novo atributo da divindade ou uma nova divindade, que através do olhar radiante absorve uma anterior, e, muito particularmente, as representações do Jovem Deus);
6. o tratamento “artístico”, traduzido pela “qualidade de execução”, talvez o menos importante do conjunto;
7. as imagens presumivelmente de fim-de-ciclo, onde dos conjuntos iniciais restam apenas referências gráficas desconexas, inteligíveis apenas pela sua associação a formas e símbolos concretos.

Na verdade, as opções são reduzidas:

1. a “síndrome das placas loucas” é um resultado degenerativo de um conceito estruturante, o da simetria no preenchimento do espaço suporte. E são o *Tempo* e o *devir cultural* os responsáveis pelo aparecimento da síndrome;
2. a “síndrome das placas loucas” deriva da inabilidade pontual ou do isolamento do fazedor de placas;
3. a “síndrome das placas loucas” resulta de uma complexificação do processo criativo, tendo que ver com processos artísticos e não com a desestruturação dos símbolos. Neste caso, placas como as da Ribeira de Odivelas ou da Anta 1 do Olival da Pega testemunham exactamente a mesma realidade.



Fig. 15 Mesmo construída caoticamente, a decoração desta placa da Anta Grande da Ordem, Avis, apresenta uma paginação estruturante compatível com a simetria. 1:1. Foto VSG.

A última possibilidade não é, à partida, de afastar. Quando há um único centro produtor, a sua própria história ganha-se na especificidade, no reconhecimento automático...e nas imitações. Se falarmos de cerâmicas mais recentes, Paterna e Manises, S. Pedro do Corval, Caldas da Rainha ou Alcobaça, criaram imagens de si próprias tão sólidas e homogêneas que houve espaço, é certo que quase sempre em momentos evoluídos, para desvios à norma. Mas, para as placas de xisto gravadas não há um único centro de produção. Houve certamente vários e uma circulação extensa tanto de produtos como de imagens simbólicas normalizadas, que foram imitadas ou repetidas em sítios relativamente distantes, desde as Penínsulas de Lisboa e Setúbal até ao próprio Algarve. O que realmente impressiona na "síndrome das placas loucas" é, simultaneamente, a sua raridade e a sua extensa distribuição no espaço.

Quanto ao putativo isolamento ou inabilidade do fazedor de placas, são talvez os argumentos que menos colhem. O mundo do megalitismo do Centro e Sul de Portugal é tudo menos um universo fechado, o que é particularmente visível na primeira metade do III milénio (Gon-



Fig. 16 Construída caoticamente, a decoração desta placa da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo, apresenta uma paginação estruturante compatível com a simetria. 1:1. Foto VSG.



Fig. 17 Má paginação ou acabamento ou simetrias apenas deformadas por execução aparentemente inábil não implicam que se trate obrigatoriamente de "placas loucas", tal é o caso da Placa do Bugio (desenho segundo Cardoso, 1992).

çalves, 1980, 2001a). E se usarmos o conceito de megalitismo no seu sentido mais amplo, mesmo correndo voluntariamente o risco de contrariar quem pensa que as palavras devem comandar-nos (e não o contrário), uma outra arriscada postura, então veremos que todo o subsistema mágico religioso da transição do IV para o III milénio e da primeira metade do III inclui uma idêntica concepção simbólica para um artefacto sempre idêntico, quer o encontremos em grutas naturais, antas, grutas artificiais ou *tholoi*. E se tempos de grande mobilidade existem para as antigas sociedades camponesas, estes são certamente os que procuramos.

Tudo parece assim indicar que a "síndrome das placas loucas" é efectivamente um resultado degenerativo de um conceito estruturante, o da simetria no preenchimento do espaço suporte. De algum modo, será, no devir próprio às placas de xisto gravadas, o terceiro grupo de alterações significativas, sendo o primeiro as representações geometrizantes simétricas, o segundo a fusão sincrética com as componentes simbólicas da Deusa dos Olhos de Sol e a terceira, esta, um momento terminal do processo.

E à Deusa dos Olhos de Sol, e ao Jovem Deus, voltaremos em breve.

Lisboa, Inverno de 2002

NOTAS

* Unidade de Arqueologia (UNIARQ)

Faculdade de Letras

P-1600-214 Lisboa

Portugal

vsg@mail.doc.fl.ul.pt.

¹ Os três títulos anteriores de esta série encontram-se indicados nas Referências bibliográficas: Gonçalves, 1989b, 1997, 1993. Um dos próximos intitular-se-á "Reflexos nuns Olhos de Sol", retomando a temática inicialmente abordada em 1993. Outro, também em preparação, terá por tema o significado e a distribuição das placas de Cabeça tripartida, as "placas CTT".

BIBLIOGRAFIA

BUENO RAMÍREZ, P. (1992) - Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. Tome 16. 2-3. p. 573-604.

CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.

CORREIA, V. (1921) - *El neolítico de Pavia*. Madrid. *Fac-símile* em 1999, editado por Edições Colibri, Lisboa.

GOMES, M. V. (1997) - Anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados da campanha de escavações de 1992, in *Cadernos de Cultura*, n.º 1, Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, pp. 36-69.

GONÇALVES, V. S. (1970) - Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP. p. 407-421.

GONÇALVES, V. S. (1978) - A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.

GONÇALVES, V. S. (1980) - Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital. 4. p. 47-58.

GONÇALVES, V. S. (1989a) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa. INIC - UNIARQ. 2 vols.

GONÇALVES, V. S. (1989b) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. Almansor. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal. 7. p. 289-302.

GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

- GONÇALVES, V. S. (1993) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5ª Série. 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - *Sítios, "Horizontes" e Artefactos*, Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1997) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2001) - A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida* (Reguengos de Monsaraz).
- LEISNER, G.; LEISNER (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura (reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças e Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- LILLIOS, K. (2002) - Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 135-152.
- OLIVEIRA, J. (1995) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vols. 2-3, policopiados (Universidade de Évora).
- OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vol. 1. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2000) - A Anta da Fábrica da Celulose. *Memórias de Odiana. Estudos arqueológicos do Alqueva*. 2. Beja: EDIA. p. 195-217.
- PINA, H. L. (1961) - A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 71, p. 13-26.
- PINA, H. L. (1963) - A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:1, p. 25-46.
- SANTOS, M. F.; FERREIRA, O. V. (1969) - O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 3, p. 37-62.
- SOARES, J. (2002) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.